



O cão da Terra Nova

Por muito que se falle do *cão*, nunca jámais se dirá bastante a respeito deste companheiro fiel e querido do homem.

Assim, terão sempre grande valor as expressões do grande naturalista, o immortal Cuvier: — «O cão é a mais singular, a mais completa, a mais util das conquistas que o homem tem feito. Todas as especies se tornaram propriedade nossa; e cada individuo é inteiramente dedicado ao seu dono, adopta as suas maneiras, distingue e defende a sua propriedade, e lhe permanece afeiçoado até a morte... E tudo isto procede, não da mera necessidade, não de constrangimento, mas, simplesmente, de ternura, gratidão, e verdadeira amizade. A brandura, a força, e o altamente desenvolvido faro do cão, tornaram-no um poderoso aliado do homem contra os outros animaes: e são talvez necessarias estas prendas para o estabelecimento da sociedade. É o unico animal que faz companhia ao homem em toda a terra.» —

Tomemos todos nota destas magnificas e tão sentidas expressões de um grande sabio, — e tratemos cada vez melhor os nossos melhores e mais verdadeiros amigos!

A nossa estampa representa uma scena tocante em que figura um cão da Terra Nova. Um rapaz inglez, que navegava de New-York para Inglaterra, tinha um cão da Terra Nova, que o capitão do navio não lhe permittio levar comsigo; mas o cão lançou-se ao mar, foi em demanda do navio,

e o capitão, enternecido já, consentio que o bom animal fosse recolhido a bordo. No fim da viagem, uma tempestade horrorosa despedaçou o navio contra os rochedos; o cão salvou a muito custo o dono, e, quando o vio em lugar seguro, pôz as patas sobre o corpo desanimado do mesmo dono, olhando, com ar inquieto, para os pescadores que vinham salvar a victima do naufragio. Quando chegaram os pescadores e o naufrago deu signal de vida, o cão foi lamber as mãos daquelles e depois deitou-se aos pés do dono, para o qual olhava com a maior ternura. — Tal é a tocante scena que a nossa estampa reproduz.

Cumpré agora dizer que o *cão da Terra Nova* sómente se vê no estado de pureza, quando é comparativamente pequeno, mas muito musculoso e forte, e, geralmente, de cor preta. Os cães da Terra Nova que vemos na Europa, são muito differentes dos compactos e não muito corpulentos animaes, que, no seu paiz nativo, são empregados em puxar zorras ou carros, carregados de madeira, de peixe, ou de outros objectos. — Assim mesmo, os cães da Terra Nova que vemos na Europa, distinguem-se como excellentes buscadores, e, maiormente, como cães de agoa, nadando no mar com valentia, e proveitosa perseverança. São de uma fidelidade a toda a prova, sagazes, e susceptiveis da mais calorosa afeição a seu dono. Em geral, e com muito e muito raras excepções, devem ser proclamados como bravos, generosos,

e intelligentes amigos dos donos, a quem se afeiçoaram.

A DAMA DE ESPADAS

(Novella russa de Pouchkine)

(Continuado de pag. 256)

III

Isabel tivera apenas tempo para tirar o chale e o chapéo, que já a condessa a chamava para a acompanhar, porque mandára de novo pôr o trem. Enquanto dois lacaios, a grande custo, levantavam a velha fidalga á altura do degráo da carroagem, Isabel vio o official ao pé de si, e sentio que elle lhe segurava a mão. Tomada de susto, naquelle momento, não notou que o official partira, deixando-lhe na mão uma carta. Escondeu-a apressadamente na luva. Durante o passeio Isabel nada via nem ouvia.

Tinha a condessa o costume, quando saía de carroagem, de fazer perguntas a proposito de tudo.

— Quem é aquelle homem que me comprimontou? Como se chama aquella ponte? O que diz aquelle annuncio?

A pobre aia, naquelle dia, não acertava com uma unica resposta, a ponto de a condessa a censurar.

— O que tens tu hoje? Em que pensas? Não ouves? Eu fallo bem claro ainda, e parece-me que estou, por ora, em meu juizo, hein?

Isabel nada ouvia. Apenas chegou a casa, correu logo ao seu quarto, e tirou a carta da luva. Era impossivel deixar de a ler; estava aberta. Era uma declaração de amor, terna, e respeitosa, e traduzida, palavra por palavra, d'um romance allemão; porem, Isabel, que não sabia aquella lingua, ficou contentissima.

Mas, atormentava-a a idéa de, pela primeira vez na sua vida, ter de guardar um segredo seu. Corresponder-se com um homem, era uma temeridade que a fazia tremer. Accusava-se da sua propria imprudencia e não sabia que partido havia de tomar.

Deixar de bordar ao pé da janella, e, á força de frieza, desgostar o seu amante, devolver-lhe a carta, responder com firmeza e de um modo decidido... que faria? Não tinha amiga alguma nem pessoa que a podesse aconselhar. Resolveu responder.

Sentou-se á meza, pegou na penna e começou a meditar profundamente. Escreveu umas poucas de vezes a primeira phrase, mas depois rasgava o que tinha escripto. Parecia-lhe, já que a sua resposta era secca, já que era demasiado expansiva. Emfim, com grande custo, conseguiu um resultado que a satisfiz. «Creio que as suas intenções são proprias d'um cavalheiro, e que não é o seu desejo offender-me por um procedimento irreflectido; mas, o que é certo, é que facilmente comprehenderá que as nossas relações não podem começar assim. Devolvo a carta que me entregou e espero que não hei de ter motivo para me arrependar da minha imprudencia.»

No dia seguinte, apenas vio Hermann, levantou-se, abriu a janella da sala e deitou a carta para a rua, esperando que o joven official não deixaria de a apanhar. Não se enganou, e Hermann, apenas a teve nas mãos, entrou numa loja para a ler. A carta não era desanimadora, e aquelle Romeo recolheu-se a casa muito contente com o exito da sua empreza.

Dias depois, uma senhora desconhecida e de physionomia muito viva, pediu para fallar a Isabel de mandado d'uma modista. Recebeu-a ella com um certo receio, prevendo o pagamento de alguma conta atrasada; mas, foi grande a sua admiração quando, abrindo um papel que a desconhecida lhe entregou, reconheceu a letra de Hermann.

— Creio que está enganada, esta carta não é para mim.

— Peço perdão, respondeu a outra com ar malicioso, tenha a bondade de ler.

Isabel correu a carta com os olhos. Hermann pedia uma entrevista.

— É impossivel! Esta carta não é para mim! E Isabel, assustada com o arrojo do pedido e com o modo porque elle lhe era feito, rasgou o papel, em mil bocadinhos.

— Mas, se essa carta não era para a menina, porque é que a rasgou? Era necessario mandal-a á pessoa a quem era dirigida.

— Por Deus, perdoe-me! respondeu a pobre aia, confusa. Nunca me traga cartas, peço-lh'o, e diga a quem m'as envia, que se deve arrependar do seu procedimento.

Não era, porem, Hermann homem que facilmente abandonasse o terreno. Já por um modo, já por outro, Isabel recebia todos os dias uma carta. Já não eram traducções do allemão; Hermann estava dominado por uma paixão violenta, e a linguagem das cartas era realmente sua. A pobre menina não pode resistir áquella torrente de eloquencia. Sentia prazer em receber aquellas cartas e não tardou que não lhe respondesse. De dia para dia as respostas eram mais extensas e mais sentidas. Finalmente, um dia escreveu-lhe o que se segue:

«O embaixador de... dá hoje um baile. A condessa vae tambem, e demorar-nos-hemos até as duas horas. Vou dizer-lhe agora como nos poderemos ver sem testemunhas. Apenas a condessa saê, os creados vão para os seus quartos; no vestibulo fica só o suizo, e o bom do homem está quasi sempre a dormir no seu cubiculo. Logo que derem onze horas entre e suba rapidamente a escada. Se encontrar alguém na ante camara, pergunte se a condessa está em casa, responder-lhe-hão que saí, e, nesse caso, não tem remedio senão sair tambem; mas, é mais provavel que não encontre ninguém. As creadas costumam reunir-se num quarto afastado desta parte do palacio. Chegando á ante-camara, tome á esquerda; e vá sempre em frente até a alcova da condessa, e ahi, por detraz de um grande biombo, achará duas portas; a da direita dá para um

quarto escuro, a da esquerda abre para um corredor que tem no fim uma escadinha de caracol que conduz ao meu quarto.»

Hermann esperava inquieto a hora da entrevista, como o ligre espera a presa. As dez horas já elle rondava a porta do palacio. A noite estava tempestuosissima. A neve, agitada pela violencia do vento, caía em grandes flocos; a luz dos reverberos era escassa e vacillante; as ruas estavam desertas. Apenas de quando em quando se via passar algum trem que procurava freguezes. Hermann, apesar do fato ligeiro que vestia naquella noite, não sentia o vento nem a neve. Finalmente, appareceu á porta a carruagem da fidalga e dois robustos lacaios, pegando quasi ao collo naquelle esqueleto desengonçado, envolvido numa immensa capa de pelles, deposeram-no em cima das almofadas. Logo depois; Isabel, embrulhada numa capa pequena, e com uma coroa de flores naturaes enfeitando-lhe a cabeça, subio rapidamente para o trem. Fechou-se a portinhola e a carruagem rodou por sobre a neve com um ruido abafado.

O suíço fechou a porta; desapareceram as luzes do primeiro andar e toda a casa entrou no mais profundo silencio. Cansado de passear, Hermann aproximou-se d'um candieiro e puxou pelo relógio. Faltavam vinte minutos para as onze. As onze em ponto, Hermann subia os degrãos, levantava o fecho do portão e entrava no vestibulo. Correu com os olhos em redor de si, e, que felicidade! nem sombra de guarda-portão. Com passo firme e apressado subio a escada num momento, e achou-se na ante camara. Ao pé dum candieiro dormia, numa velha cadeira de braços, um lacaios: Hermann passou por diante d'elle e atravessou a sala de jantar e o salão, que estavam ás escuras; guiava-o a luz da antecâmara. Estava finalmente na alcova. Diante do oratorio, cheio de antigas imagens, havia uma lampada de ouro. A roda das paredes, forradas de sedas da China, viam-se cadeiras douradas e divans, um pouco antigos, dispostos symetricamente. Nas paredes havia dois retratos grandes pintados por madame Lebrun. Um delles representava um homem de quarenta annos, robusto e corado, de casaca verde-claro, e com uma commenda. O segundo quadro era uma mulher moça, elegantemente trajada, com o nariz aquilino, o cabello levantado para as fontes, empoada, e com uma rosa no cabello, junto á orelha. Via-se, por todos os cantos do quarto, pastores de porcelana de Saxonia, vasos de todas as fórmas, pendulas de Leroy, donaires, leques, e os mil dizes proprios das senhoras, invenções importantissimas do seculo passado, contemporaneas dos balões de Montgolfier e do magnetismo de Mesmer.

Hermann passou por detraz do biombo, que encobria uma pequena cama de ferro, e achou as duas portas: a da direita, a do quarto escuro, e a da esquerda, a do corredor. Abriu esta: lá estava a escada que levava para o quarto de Isabel; fechou-a e entrou no quarto escuro.

Como costuma succeder aos que esperam, pa-

reciam-lhe os instantes, seculos. Na casa o silencio era completo, e só foi quebrado pela pendula que dava meia noite. Hermann estava em pé, encostado a um fogão apagado; e, tranquillo, o coração dava-lhe as pulsações regulares, como o d'um homem decidido a affrontar todos os perigos que se lhe offereçam, porque sabe que os não póde evitar. Deu uma hora; depois ouviu as duas; e passado pouco tempo, o rodar distante de uma carruagem. Sentio-se então, e contra sua vontade, agitado. A bulha aproxima-se e cessa de repente; ouve-se immediatamente nas escadas grande movimento de creados e vozeria; illuminam-se todas as casas, e tres velhas creadas entram apressadas no quarto da condessa; depois, apparece esta munia ambulante, e deixa-se cair sobre uma grande cadeira á Voltaire. Hermann, que espreitava esta scena por uma fenda da porta, vio a aia passar mesmo junto d'elle e ouviu-lhe o passo ligeiro na escada de caracol; o nosso heroe sentia a alma confrangida pelo remorso, mas foi cousa de pouca dura. Tornára-lhe o coração á natural insensibilidade.

A condessa principiou a despir-se diante de um espelho. As creadas tiraram-lhe o toucado de rosas e o chinó apolvilhado. Os allinetes caíam á roda della como chuva. Para abreviarmos, Hermann assistio ás differentes phases da toilette de noite da condessa até o ponto desta vestir um penteador e pôr uma touca de dormir. Neste trage, mais proprio da sua idade, achava-a elle menos horrenda.

A condessa Anna padecia, como a maior parte das pessoas de idade, grandes insomnias. Depois daquelles preparativos nocturnos, mandou que lhe levassem a cadeira para junto d'uma janella, feito o que despedio as suas famulas. Apagaram-se as luzes e o quarto ficou apenas allumiado pela lampada do oratorio. Encarquilhada, amarella, com o beico caído, a condessa bamboleava-se brandamente d'um lado para o outro. Nos olhos embaciados lia-se-lhe a ausencia do pensamento, e a quem a visse assim balanceando-se, pareceria que aquelle movimento era produzido, não por acto de vontade, mas por algum mecanismo occulto.

De repente, aquella physionomia morta mudou de expressão. A boca contrahio-se e ficou firme; os olhos animaram-se. É porque diante de si via apparecer um vulto: era Hermann.

— Não tenha medo, minha senhora, disse Hermann em voz baixa, mas accentuando todas as palavras. Pelo amor de Deus, nada receie de mim. Não lhe quero fazer mal nenhum. Pelo contrario, venho aqui implorar um favor.

A velha, sem soltar uma palavra, encarava-o, como se não entendesse o que elle dizia.

Hermann julgou que ella fosse surda, e, inclinando-se ao ouvido, repetio o exordio. A condessa permaneceu silenciosa.

— V. ex.^a póde, continuou Hermann, fazer a felicidade de toda a minha vida, sem que isso lhe custe nada... Sei que me póde indicar tres cartas com que...

O official parou aqui. A condessa comprehendeu, por certo, o que elle exigia, e procurou uma resposta.

— O que me diz é, sem duvida, uma brincadeira, sim, apenas um gracejo?

— Não, minha senhora, replicou Hermann como encolerizado. Lembre-se de Tchaplitzki, que ganhou com...

A condessa pareceu perturbar-se, durante um momento; as feições denunciaram uma agitação interior, mas logo retomaram a sua antiga immobilitade.

— Não quer dizer-me, continuou Hermann, as tres cartas com que eu poderei ganhar sempre?

Como ella não respondia, continuou:

— Para que hade guardar esse segredo para si? É para os seus netos? Não precisam disso, são já ricos; nem sabem o valor do dinheiro. Para que lhes serviriam as tres cartas? São homens perdidos; e quem não sabe conservar o patrimonio que tem ha de morrer na miseria, ainda que disponha da sciencia de Satan. Comigo não succede o mesmo; sou prudente, sei o que vale o ouro, e as tres cartas não me serão inuteis. Então...

Hermann lançou-se de joelhos.

— Oh! se o seu coração conheceu algum dia o amor, se se recorda com saudade desses deliciosos arroubamentos, se alguma vez o vagir d'uma creança lhe chamou aos labios um sorriso, se sentio o seu coração pulsar-lhe com um affecto humano, peço-lhe pelo amor d'um esposo, d'um amante, d'uma mãe, por tudo o que ha de mais santo na vida, que acceda aos meus rogos. Confie-me esse segredo! — Vejamos! — Estará elle, por acaso, ligado a alguma idéa terrivel? á perda da sua felicidade no outro mundo? Haverá algum pacto diabolico? Pense nisso, porque não tem muito tempo para viver, senhora condessa! Tomarei sobre minha alma todos os seus peccados e por elles responderei perante Deus. — O segredo, diga-m'o! — Pense que tem nas suas mãos a felicidade d'um homem; que não sómente eu, mas, os meus filhos e os meus netos, abençoaremos a sua memoria, e lhe daremos culto como a uma santa.

A condessa não respondeu uma só palavra.

Hermann levantou-se então.

— Maldita velha! rugio elle, eu te farei fallar. E mostrou uma pistola.

À vista da arma, a condessa, pela segunda vez mostrou-se agitada. Agitou a cabeça com força, estendeu as mãos como para afastar a pistola, depois, caindo para traz, ficou immovel.

— Vamos! deixemo-nos de creancices, disse Hermann, pegando-lhe na mão. Intimo-a pela ultima vez. Quer dizer-me quaes são as cartas? Sim, ou não?

A condessa não respondeu. Estava morta.

(Continua)

A filosofia triumphou com facilidade dos males passados e dos futuros, mas os males presentes vencem a filosofia.

A CIDADE DE CONSTANTINOPLA.

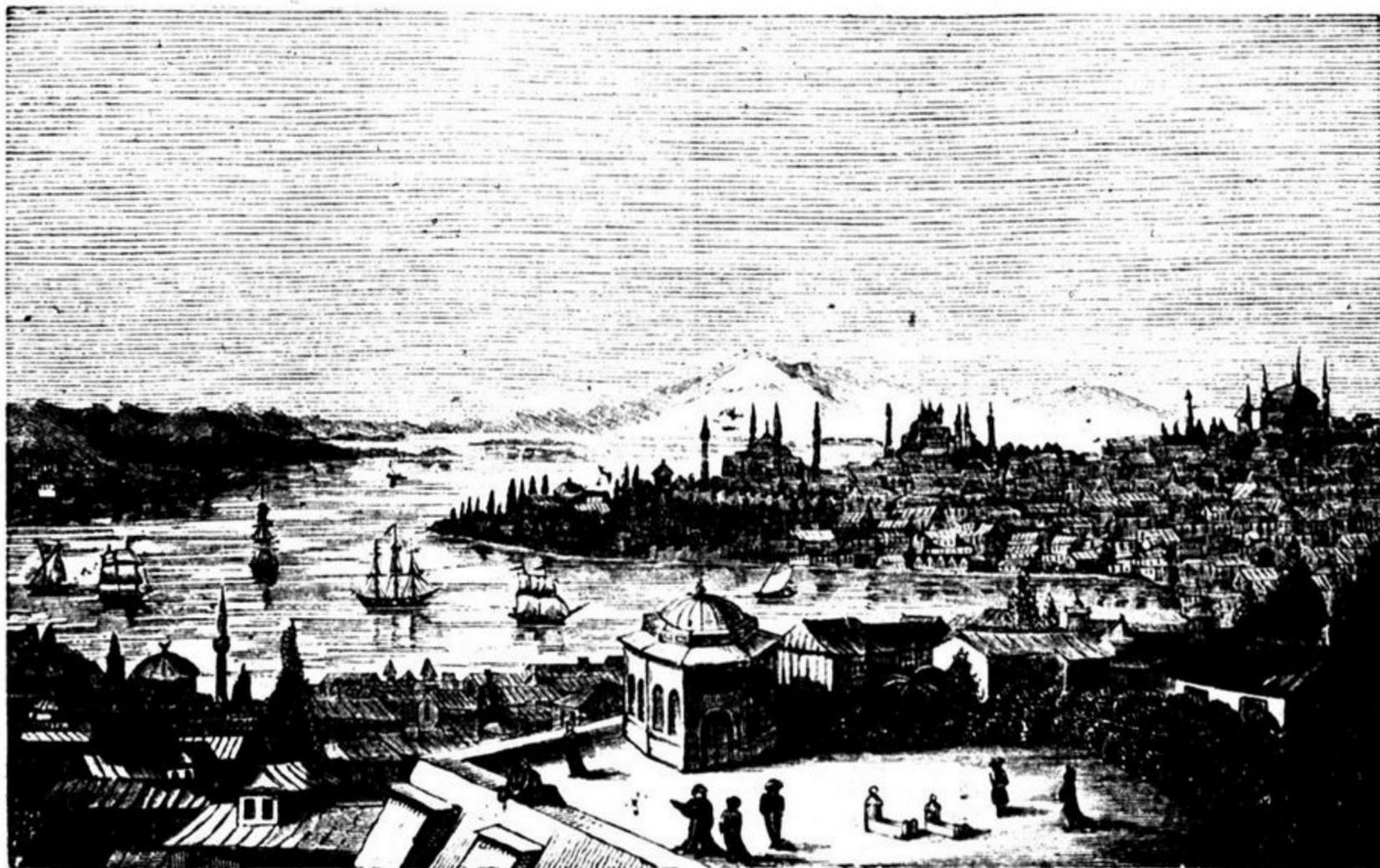
Sobre as ruinas da antiga Bizancio edificou o imperador Constantino uma cidade que, do seu nome, ficou sendo chamada *Constantinopla*. Tomaram esta cidade os turcos em 1453, sob o mando de Mahomet II, e, desde então, lhe pozeram o nome de *Stamboul*, ou *Istamboul*, que ainda conserva entre os conquistadores musulmanos, e que os gregos desfiguraram um tanto chamando-lhe *Istampoli*. Em todo caso, entre os europeus, não ha designal-a senão pelo nome de Constantinopla.

Desde o indicado anno de 1453 tem aquella cidade sido, sem interrupção, a capital do imperio ottomano; attraíndo sempre, pela sua posição e grandeza, a curiosidade de illustres viajantes que, em diversas epochas hão apresentado magnificas e mui curiosas descrições.

Vista do lado do mar, Constantinopla, assente em collinas que, pouco e pouco, e com uma certa regularidade, se vão alevantando em fórma de amphitheatro, coroadas as suas alturas com zimbórios, mesquitas e casas de banhos, e entretecida, se assim convem dizer, de arvores e monumentos antigos; Constantinopla, digo, offerece uma das mais bellas perspectivas do mundo, como, em ponto pequeno, se póde conhecer pela nossa estampa. Tambem esta nos deixa ver o porto daquela cidade, o qual, pela sua situação e extensão, é um dos mais bellos do mundo, e digno de ser como que o ponto de contacto entre a Europa e a Asia.

Constantinopla, propriamente tal, (isto é, sem os seus arrabaldes) occupa, no promontorio em que assenta, uma superficie triangular, do perimetro quasi de cinco leguas e meia. A base deste triangulo fica a oeste, determinada por uma duplicada muralha, flanqueada de torres, e guarnecida de um fosso de 25 pés de largura, que separa Constantinopla do restante do continente. Os outros dois lados do triangulo estão traçados — ao sul, pela margem do mar de Marmara, ao noroeste, por um braço do canal que se entranha pelas terras e separa Constantinopla dos seus arredores.

O interior da cidade não condiz inteiramente com a extraordinaria belleza da perspectiva externa: as ruas são estreitas, irregulares, desaceiadas; a maior parte das casas são construidas de madeira, e, ainda de mais disso, as saliencias dos andares superiores offuscam a vista, interceptam a luz, e tornam desagradaveis as ruas. Mas ao lado dessas habitações encontram-se palacios e edificios notaveis, que os viajantes hão descripto com bastante interesse: o serralho, ou palacio do Grão Senhor, que occupa o espaço da antiga Bizancio; — o templo de Santa Sophia (hoje mesquita) com a fórma de cruz grega, edificado no tempo do imperador Justiano, por Anthemius de Tralles, coadjuvado por Isodoro de Mileto. Neste templo admira-se o principal zimbório, de fórma muito achatada, e a galeria, que o circumda, composta de 67 columnas, sendo seis de porphyro, prove-



A cidade de Constantinopla

niente do templo do Sol em Roma, e seis de jaspe verde, tiradas do templo de Diana em Epheso. Outras mesquitas ha, muito notaveis; bem como bellas fontes; khans, bazares—e outros edificios e estabelecimentos, que fora longo especificar.

A «IMAGEM DA VIDA CHRISTAM» DE FR. HEITOR PINTO

Estudo litterario

.....e os dois, que brilhão,
Quaes estrellas Tyndarides fulgentes,
HEITOR e Arraes de erudição fecunda,
Que nos dão c'oa palavra amena e grave
O sabor da verdade e da virtude.

ELPINO DURIENSE.

(Continuado de pag. 245)

III

Começarei este artigo por dizer, que não posso deixar de agastar-me um tanto com Fr. Heitor Pinto; e vou dar a razão.

Resolvendo-se o estimavel escriptor a descrever alguma cidade, que encontra no caminho de seus dialogos, desaproveita — prodigo ou descuidoso — a comessinha occasião de nos apresentar descripções primorosas, quaes nol-as poderia offerecer o seu muito notavel talento descriptivo.

Vejam os leitores, se não teria eu fundamento para dizer a Heitor Pinto alguma coisa menos agradavel, ao considerar a mesquinhez com que se houve na descripção da segunda cidade de França:

— «Ha em França huma populosa cidade chamada Lião, regada de dois grandes rios, hum chamado Rhodano, a que os Lioneses chamam Rona, que vay pelas raizes da cidade junto com os muros, outro chamado Sona, que passa per meio della com huma fermosa ponte: o qual perde seu nome em saindo da cidade, metendo-

se no Rhodano: que como he mayor, sorve a elle e a outros, com que se faz poderoso: porque quanto se vay mais alongando do principio de suas agoas, tanto se vay mais enriquecendo das alhéas. Está situada esta cidade numa terra fertil e deleytosa: e he ella em si provida de todas as cousas á humana vida necessarias.» —

E *al não disse*; pois que passa immediatamente a apresentar em scena os interlocutores do Dialogo, dizendo: «Alli foy ter hum portuguez dado ao estudo das letras, etc.»

Ficaes fazendo idéa da cidade de Lião? Mais amplas noticias vos dá Heitor Pinto a respeito do rio Rhodano, quando, aliás, vos prometteu a descripção da cidade.

Quanto mais de louvor não merece o meu querido Fr. Luiz de Sousa, neste particular! Pela descripção que me apresenta de Trento, onde foi celebrado o famoso concilio, fico formando idéa daquella cidade:

— «Trento (diz Fr. Luiz de Sousa, na *Vida do Arcebispo*) he huma cidade situada na arraya da Alemanha contra Italia, em terras do condado de Tyrol: fica ao norte de Italia: e Ptolomeu a conta por terra da mesma provincia, metendo-a na demarcação della entre os povos Cenomanos. He logar de bom edificio, bem assentado e bastecido de todo o genero de mantimentos: e no seu tamanho nenhum dos grandes de Alemanha se lhe aventaja na commodidade de casas nobres, e de bom aposento. Lava-lhe os muros o rio Adige, chamado *Athesis* dos Latinos, que corre contra Italia crescido já de agoas, e navegavel, e vae entrar no mar Adriatico. O sitio é sadio, inda que afogado de serras altissimas que a rodeiam, chamadas dos antigos Alpes Tridentinos etc.» —

Não peço perdão de me haver desviado da estrada. Pareceu-me indispensavel chamar Fr. Luiz

de Sousa á authoria; e não creio que aos leitores desagradasse ouvir a musical toada do mais suave e mimoso dos nossos classicos.

— Nenhum classico portuguez empregou tanto, como Heitor Pinto, o ornato das *similhanças e comparações*; e talvez possa dizer-se que todos os nossos classicos, reunidos, não conteem tantas dessas figuras como o author da «Imagem da Vida Christam.»

Raras são as paginas desse livro que não apresentem similhanças e comparações, em crecido numero.

Desgraçadamente, porem, o demasiado emprego de taes ornatos do discurso, e a falta de gosto e de propriedade em muitos, desfeiam, não pouco, a obra de Heitor Pinto.

Demorar-nos-hemos nesta especialidade, apontando algumas das inumeraveis comparações, e fazendo a respeito dellas as observações que nos occorrerem.

Falla Heitor Pinto das pessoas que não adquiriram ainda a incomparavel fortuna de amar perfeitamente a Deos; e assim se exprime:

— Muytos amam a Deos com hum amor tam tibio, que quasi parece que o nam amam. Os que nam passam alem deste amor *nadam ainda com cortiça á borda dagoa, sem se meterem no pego alto*: e não se podem chamar de todo perfeytos na philosophia christam. —

Seria de mais, notar o quanto sòa desagradavelmente o — *com cortiça* —; mas, é impreterivel observar que, tratando-se do elevado assumpto da philosophia christã, é menos grave, nos termos em que a vemos exprimida, a similhança do aprendiz de natação.

Mais feliz foi Heitor Pinto na comparação, a que immediatamente recorreu:

— Mas sam como avesinhas novas, ainda não bem cobertas de todas as suas pennas, que ainda que comecem a sacudir as aas (*azas*), e voar algum tanto, todavia nam se apartam inda longe do ninho, nem se lançam ao ar aberto, nem ousam ainda de atravessar as alturas indo ferindo os ventos com a força de suas aas. —

A imagem é graciosa; pinta a natureza com fidelidade; e é apropriada ao pensamento que o author pretende inculcar.

— As vezes a *comparação* vem antes do objecto comparado, como no seguinte exemplo:

— *Assi como huma ribeira, que nace no pinaculo dhuma alta serra perto do mar, súa logo fazendo rugido, e vem decendo pelos arrecifes batendo nas duras rochas, e fazendo hum rouco tom com os quebrados de suas agoas a maneyra de quem vem chorando, até se vir meter no mar, onde vem parar todos os rios*: assi nós como nacemos começamos a lamentar, e assi vivemos todos os dias da nossa vida, chorando e gemendo, e queyxando-nos, dando comnosco hora n'hum, hora noutro trabalho, até que em fim imos dar comnosco no mar da morte onde os rios de nossas vidas assi grandes como pequenos se vão acabar e consumir. —

— Não é raro encontrar comparações, que apresentam umas certas reminiscencias de famosos conceitos dos authores antigos.

Assim no seguinte exemplo:

— Os que andam no mundo andam no corro em perigo, mas o religioso está sobre o firme palanque, como homem que da terra está vendo a tempestade e naufragio do mar. —

Esta comparação é uma reminiscencia dos celebrados versos de Lucrecio, que não sei se chame expressão de sentimentos de egoismo e menos humanos:

*Suave mari magno turbantibus æquora ventis
E terra magnum alterius spectare laborem.*

De passagem direi que me agrada infinitamente mais, do que o pensamento de Heitor Pinto na citada comparação, o conceito philosophico d'aquelle religioso da Cartuxa, de quem falla madame de Stael.

A illustre filha de Necker conversava com o religioso sobre as tentações do mundo, e mostrava-se admirada do sacrificio que aquelle homem fizera de tudo para se subtrair ás mesmas tentações. O discreto religioso disse-lhe: *Nous sommes des poltrons, qui nous sommes retirés dans une forteresse, parce que nous ne nous sentimes pas le courage de nous battre en plaine.* — «Não merecemos, senhora! os vossos gabos. Somos verdadeiramente uns covardes, que viemos buscar refugio em uma fortaleza, porque nos falleceu coragem para combatermos em campo aberto.» —

Quereis bem merecer de Deus e da humanidade? Pois vivei no meio dos vossos semelhantes, — que assim tereis occasião de prestar-lhes socorro, de lutar corajosos contra a adversidade, de soffrer resignados as semrasões e injustiças do mundo.

Vivendo a toda a hora em communicação com os homens, podeis ser-lhes uteis, e exercitar as virtudes todas, muito mais meritoriamente, do que indo entranhar vos — ociosos — no retiro dos claustros, ou — melancolicos e scismadores — na solidão dos ermos.

As victorias faceis não dão direito á gloria de triumphos esplendidos.

— Se tantas provas de são e discreto juizo não tivéssemos de Heitor Pinto, diriamos ás vezes que é elle menos cordato, ao considerarmos o grande numero de comparações baixas e ridiculas, que nos apresenta. Assim, por exemplo:

— Huma gallinha he boa iguaria maravilhosa (*iguaria maravilhosa!*), mas quêrse assada ou cozida (*faltou-lhe dizer guisada*), porque crua nam ha quem a digista (*digira*), nem quem a possa comer: Assi a verdade he iguaria maravilhosa, mas quêrse cozida e temperada pera confortar o estamago dalma, e não escandalizar. —

A extravagancia da comparação só tem por igual a insupportavel lembrança de dar á alma um estomago (*estamago dalma!*)

E é lastima; porque antes de taes destemperos tinha Heitor Pinto lançado no papel uma expressão imaginosa, que os amantes das lettras patrias conservam sempre na memoria: *Porque huma verdade crua nam ha estamago de ema que a esmoa.*

— Uma das comparações que agora tenho diante dos olhos, e vou communicar ao leitor, dá me occasião de notar que mais de uma vez podemos duvidar do bom ouvido de Heitor Pinto: tal é a dureza de algumas phrases:

— «Assi como huns mesmos olhos nam podem olhar para a terra e juntamente para o céu, assi huma alma nam pode amar juntamente ao mundo e a Deos. *Porque como alma mays este onde ama que onde anima, ca o amor a leva á causa amada, he impossivel que huma mesma alma num mesmo*

tempo se alevante e una com Deos, e se abaixe e lie com o mundo.» —

— Em algumas das comparações é Heitor Pinto admiravel de energia. Assim, querendo fazer sentir o ridiculo das pretensões orgulhosas dos descendentes degenerados das familias nobres, exprime-se dest'arte:

— «Que proveyta a um homem dizer que procede de fonte clara de virtudes, se elle he hum peçonhento charco de vicios? Caso que a fonte seja excellente e perennal, se a agoa se encharca, e enche de limos, e sapos, porque terá o charco çujo a gloria da fonte limpa?» —

Querendo demonstrar que um prelado sómente póde brilhar por qualidades verdadeiramente suas, e não por circumstancias de nascimento e outras, de todo o ponto fortuitas, vae buscar uma similhança muito apropriada e significativa, derivada das cousas da marinha:

— «Assi como huma não nam se deve chamar boa por ser melhor pintada, nem por ter a proa de prata, nem por ser ornada de fermosas bandeiras e estandartes, se nam por ser firme e segura, e bem vedada, ligeyra, veleyna, obediente ao leme, de bons mastos, vélas, madeyra e pregadura: assi nam se chamará ninguém bom prelado por ser bom tangedor de tecla, bom escrivam, de nobre geraçam, privado de principes, ou por outras qualidades desta maneyra, porque ainda que ornem a pessoa, nam entram na essencia de bom prelado. Mas aquelle se chamará bom prelado, que tiver letras, reputação, e virtude.» —

Reparae na valentia da comparação que se segue:

— «Assi como as ondas do mar se quebram em terra, e por grandes e furiosas que venham, tanto que dam na praya se desfazem: assi os reys e principes tocando na terra da sepultura se acabam, e por altos e poderosos que pareçam, tanto que dam na praya da morte, fenecem.» —

— Muito teriamos ainda que dizer ácerca da «Imagem da Vida Christam»; mas é tempo de concluir.

Graças do estylo mais puro e correcto; linguagem verdadeiramente portugueza, de rara louçania, e por vezes de grande força; notavel erudição sagrada e profana; talento descriptivo, de primeira ordem; moral sublime, exposta com suavidade, e de um modo insinuante... eis as bellezas que admirámos na obra de Fr. Heitor Pinto.

Mas o dever da critica nos obrigou a apontar algumas excepções de falta de harmonia na phrase; alguns desenvolvimentos prolixos, em materia de definições e traducções; alguns trocadilhos; diversas qualificações menos graves, menos nobres; abuso, por excesso, e por falta de apurado criterio, em ponto de semelhanças e comparações.

Conclusão: Leia-se e releia-se aquelle bellissimo livro; mas não se leve o enthusiasmo até ao ponto de esquecer os reparos que havemos feito.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

UMA OBRA DO SECULO IX

(Continuado de pag. 236)

57. Veremundo, reinou III annos, e foi clemente e piedoso. Durante este tempo teve guerra

com Burebia. Depois renunciou voluntariamente ao reino.

58. Adefonso, o grande, reinou LI annos. No undecimo do seu reinado, foi expulso do throno por tyrannia, e encerrado no mosteiro de Abellania. Dali foi tirado por um tal Teudano, e outros vassallos fieis que lhe restituiram o reino de Oveto. Aqui, fundou, de um modo admiravel, o templo de S. Salvador e os XII Apostolos, edificou a igreja de Santa Maria, com III altares, e lançou tambem os alicerces da Basilica de S. Tirso, que tem muitos angulos. Todas estas casas de Deus foram adornadas de prata, ouro, arcos e columnas de marmore. Tambem embellesou e ornou com varias pinturas os paços reaes. Tanto na igreja como no palacio de Oveto, adoptou toda a ordem e ceremonial que os godos usavam em Toledo. Alcançou muitas victorias sobre os ismaelitas. Venceu uma vez em Lulos, nas Asturias, as hostes dos Getulos, e outra na Gallecia, no lugar de Anceo. Neste tempo, um tal Mahamut de Spania, fugindo do rei de Cordoba com varios sequazes, refugiou-se nas Asturias sob a protecção deste principe. Depois este perverso revelou-se em Gallecia no castello de Santa Christina; mas o rei ali lhe deu a morte em uma batalha, e se apoderou do mesmo castello com todos os seus despojos. Viveu castissimamente e sem esposa, e do reino da terra passou ao reino do ceo. Quem vive em paz, em paz morre. Junto dos santos altares que aqui fundou, tem o seu sepulchro.

59. Ranimiro, reinou VII annos. Foi inflexivel na justiça. Aos ladrões tirou-lhes os olhos. Aos magicos castigou-os com o fogo, e exterminou com extrema celeridade todos os tyrannos. Primeiramente venceu a Nepociano na ponte de Narcea, e assim alcançou o reino. Naquelle tempo os Nortmandos vieram, pela primeira vez, ás Asturias. Depois ao mesmo Nepociano e ao tyranno Aldroito, mandou-lhes tirar os olhos. Tambem venceu e deu a morte ao soberbo Piniolo. No lugar chamado Ligno edificou Igrejas e Palacios de admiravel construcção e de fortissimas abobadas. Falleceu nos dias das Kaleadas de fevereiro, era DCCCLXXXVIII, e descança no seu tumulo de Oveto.

60. Ordonio, seu filho, reinou XVII annos. Com a ajuda de Deus estendeu o reino christão. Povoeu Legion, Asturica, Tude e Amaia, e fortificou muitos castellos. Alcançou victorias sobre os Sarracenos. Apoderou-se da cidade de Salamanca á força de armas, e ao seu rei Mozeror, ali apañado, concedeu-lhe se dirigisse livre, em companhia de sua mulher, para Petra-Sacra. Igualmente com as armas assenhoreou-se da fortissima cidade de Albailda. O seu poderoso rei, chamado Musa, foi surpreso no monte Laturcio, e o seu exercito destruido pela espada, e o mesmo Muza, ferido de uma frecha, deveu a sua salvação a um amigo que o conduzio no seu cavallo a um lugar seguro. Naquelle tempo os Normandos aportaram pela segunda vez ás costas da Gallecia, e mataram o conde Pedro. Os mouros chegaram em seus

navios ao Golpho Gaditano, e foram derrotados. Foi tanta a benignidade da alma deste principe, tanta a sua misericordia, tão piedoso para todos, que mereceu ser chamado pae dos povos. Morreu em Oveto no dia VI das Kalendas de junho, era DCCCCIII.

61 Alefonso, seu filho, começou a reinar aos XVIII annos. Na primeira flor da adolescencia e primeiro anno do seu reinado e XVIII do seu nascimento, foi privado do reino pelo apostata e tyranno Froilano, conde de Gallicia: o mesmo rei teve de refugiar-se em Castella, e, pouco tempo depois, foi morto em Oveto o tyranno Froilano, rei infausto, pelos que permaneceram fieis ao nosso joven e glorioso principe, o qual, depois da sua volta de Castella, reinou, felizmente, no patrio solo. Desde o principio do seu reinado conseguiu victorias sobre os seus inimigos. Por duas vezes humilhou e domou, com seu exercito os fezozes Vascos. Passado algum tempo veio ás mãos com as hostes dos Ismaelitas, cujo general era Abulmandar, filho do rei Abderahman, e irmão de Mahomat, rei de Cordoba. Mas por onde este veio, tornou elle com a perda de muitos centenaes de soldados, e o resto do seu exercito fugitivo. Nos mesmos dias, outras hostes entraram até Bergidum, sem que ninguem as interrompesse: e ajuntaram-se com muitos outros inimigos que saíram dos seus terminos. Apoderou-se o rei do castello de Deza, e adquirio pacificamente Atienza. Tomou Coimbra, que possuiam os inimigos, e povoou-a com gallegos. Fez-se tambem senhor de outros castellos.

(Continúa)

HYMNO

para ser offerecido ao Ex.^{mo} Sr. Thomaz Ribeiro pelos seus patricios

Mais que os thesouros da terra,
que os aureos sceptros dos reis
valem os nobres laureis
do talento e do saber.
O genio é sol que derrama
raios d'infundo esplendor,
ninguem lhe rouba o fulgor,
nada o pode escurecer.

Honra ao poeta inspirado
cujas estrophes brilhantes
lhe levantam triumphantes
monumentos immortaes;
accesa em fogo divino
sua voz nos brada: alerta!
e em cada peito desperta
santos brios nacionaes.

Não ha cadencias per'grinas
que o seu estro não desfira
nos mil harpejos da lyra,
onde o genio se revela;
ouvi os versos sublim'es,
com que pinta as dor's vehementes
ouvi-lhe as notas plangentes
dos soffrimentos de Estella!

Na tribuna, quando a patria
pede que elle se alevante,
à sua voz insinuante
captivam-se os corações;
sempre o mesmo sentimento,
o mesmo fervido ardor,
nas palavras do orador,
na harmonia das canções.

Louvor ao homem distincto
que no prestigio da gloria,
sabe ter viva a memoria
dos amigos que em nós tem:
que, do templo dos illustres
tendo já transposto o atrio,
não deslembra o torrão patrio,
que sabe amal-o tambem.

Coimbra

A. X. DE SOUSA CORDEIRO

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Memorias de epidemiologia portugueza. Por Antonio da Cunha Vieira de Meirelles. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1866.

Este bom livro offerece-nos reunidas importantes noticias que a muito custo fôra possivel conseguir, dispersas como andavam em diversos escriptos.

O auctor não poupou diligencias para se inteirar da historia de todas as epidemias, que hão grassado em Portugal desde remotos tempos até aos nossos dias, e para colligir as noticias das providencias administrativas, hygienicas e medicas, que a respeito de cada uma foram adoptadas.

Em uma crudita *Introduccão* falla extensamente da geographia medica. M. Boudin, que o auctor cita muito a proposito, caracteriza bem esta entidade scientifica, quando diz: «Assim como ha plantas, que germinam em quasi todos os pontos do globo, com existirem algumas que só viçam ao modo endemico, em logares mais ou menos circunscriptos, assim as molestias do homem surgem eguaes por toda a terra, ou prendem dissimilhanes em assignaladas zonas, e determinadas localidades. Tem pois as molestias, como as plantas, *habitats*, estações e limites geographicos.» — A *peste* é originaria do Baixo Egypto; a *febre amarella* nasce no litoral do golfo do Mexico e do mar das Antilhas; a *cholera morbus* traz sua origem do Indostão.

Entrando na materia, offerece o auctor um noticioso quadro da *peste* em Portugal nos annos de 1348, 1415, 1569, 1579, 1598, peste do Algarve, e de 1680; da *febre amarella* nos annos de 1723, 1850, 1851, 1856, 1857, 1860; e da *cholera morbus* nos annos de 1833, 1853, 1854, 1855, 1856, e 1865.

Tanto nas notas a cada pagina, como nas notas finaes do livro, ha uma grande riqueza de noticias — que completam a exposição do texto.

No que respeita á cholera morbus ha hoje um elemento de estudo, que o nosso auctor não podia consultar, qual é o *Relatorio sobre os trabalhos da Conferencia sanitaria internacional, reunida em Constantinopla em 1866*, publicado em 1867 pelo doutor Bernardino Antonio Gomes. (Veja o artigo que publicámos no *Jornal do Commercio* n.º 4074, de 23 de maio ultimo; bem como o n.º 26 deste semanario do corrente anno, onde noticiámos o *Aperçu historique*, do mesmo doutor B. A. Gomes.)

O bom livro do sr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles já foi por nós examinado no n.º 4129 do *Jornal do Commercio* de 2 de Agosto corrente. Aqui só quizemos apresentar uma noticia bibliographica — como é estylo deste seminario.

Lisboa, 5 de Agosto de 1867.

José SILVESTRE RIBEIRO.

ERRATA

No 2.º verso da poesia — *Desafogo* — publicada no n.º 33 deste semanario, onde se lê: — Se as ondas é dado nas praias *cuspir* — deve ler-se: — Se as ondas é dado nas praias *carpir*. —